

“The skull fading, fading, fading...” *Waiting for Godot* e a Memória numa “Retórica do silêncio”

José António C. Baptista¹

Para a Diana e o Francisco

Resumo: Neste artigo, reflectir-se-á acerca da forma como a debilitação da memória, quer física e individual, quer simbólica e colectiva, compromete decisivamente o ensejo persuasivo de uma retórica identitária que se configure como instrumento de supressão dos lugares de exclusão ou diferença entre locutor e auditório. Veremos, como o resultado dessa debilitação, não deixará, no entanto, de estabelecer, à revelia de uma entidade opressora, uma outra espécie de exercício retórico fundada, precisamente, no silêncio final advindo da progressiva degenerescência da memória. O discurso levado a cabo pela personagem Lucky, em *Waiting for Godot* de Samuel Beckett, funcionará, por conseguinte, como paradigma informante de uma reflexão que, ao destacar o papel da Memória em termos retóricos, visa, simultaneamente, constituir-se como uma abordagem original no âmbito dos estudos efectuados em torno do tema.

Palavras Chave: Retórica – Discurso – Memória – Cultura – Identidade – Diferença – Silêncio – *Waiting for Godot* – Samuel Beckett.

Abstract: This article provides a reflection on how memory, either physical and individual or symbolic and collective, decisively compromises the persuasive will of an identifying rhetoric that shapes itself as a suppressing instrument for places of exclusion or difference between speaker and audience. We will show how the result of that debilitation is able, however, to establish, in defiance of an oppressive entity, a different kind of rhetorical exercise based precisely on the final silence arising from the progressive degeneration of memory. Lucky's speech in Samuel Beckett's *Waiting for Godot* will, consequently, serve as paradigmatic basis for a reflection which, by accentuating the role of Memory in rhetorical terms, also intends to become an original approach within the studies concerning this theme.

Keywords: Rhetoric – Speech – Memory – Culture – Identity – Difference – Silence – *Waiting for Godot* – Samuel Beckett.

“Dêem um nome à memória, uma
arrumação sonora que se escreva
e ofusque – um nome
para morrer.
H. Helder, *Do Mundo*

“Mas qual o remédio, se o destino directo e único
de qualquer pessoa é tagarelar, ou seja, chover no
molhado?” Dostoiévsky, *Cadernos do Subterrâneo*

I. Memória: A face estruturante da persuasão retórica

No excelente artigo «A Retórica do Silêncio na Literatura Setecentista», ao qual este próprio toma humildemente emprestado parte do seu título, Luísa Malato salienta o modo como “a(A) cultura ocidental, criada pela ágora grega e no *fórum*

¹ Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes – Variante de Teoria da Literatura, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

romano, acredita no poder da palavra e remete-nos para uma cultura humanista em que o homem se distingue do animal pelo uso da linguagem (...)”². No entanto, também o silêncio “faz parte da comunicação entre os homens”, ainda que em relação à palavra, este seja “quase sempre inesperado” e “se existe é desde logo como estranhamento”³. Ora, esse silêncio, argumentamos nós, mostra-se tão mais estranho e menos “fluido”, quanto mais se manifesta, paradoxalmente, como consequência de uma incapacidade da memória em superar, retoricamente, a sua violenta prevalência; tanto mais confrangedor se revela, quanto esse carácter violento coíbe o exercício da memória através da actuação de uma força exterior para a qual quaisquer pressupostos de índole humanista se tornam incompatíveis com uma atitude subjugadora que, cruelmente, reduz o Outro à condição de *bestia*. Nesta condição, a única retórica final possível, aquela que, nas palavras de Luísa Malato, “conta tanto como o que se esconde, ou conta até porque se esconde”, é uma “Retórica do silêncio”⁴.

A prevalência da Memória e a sua determinação no sucesso da palavra encontram-se implícitas nas especificidades fundamentais que definem a Retórica. Com efeito, no *Górgias* de Platão, a personagem que dá nome a este diálogo define, perante Sócrates, a Retórica como “... capacidade de *persuadir pela palavra* os juízes no tribunal, os senadores no conselho, o povo na Assembleia, enfim, os participantes de qualquer espécie de reunião política.”⁵. Sobre a mesma disciplina, numa altura em que esta se encontra já numa fase de superação do carácter exclusivamente sintagmático que lhe havia instituído Córax⁶, entende sucintamente Aristóteles, por sua vez, tratar-se da “... faculty of observing in any given case the available means of persuasion”⁷. As duas asserções firmam, neste caso, um consenso relativamente à definição do objecto em causa, ainda que a atitude axiológica que lhes subjaz difira substancialmente⁸. O filósofo estagirita afirma, por outro lado, o facto de a memória natural⁹ não ser

² MALATO, Maria Luísa – *A Retórica do Silêncio na Literatura Setecentista*; in Revista da Faculdade de Letras, «Línguas e Literaturas», Porto, XX, I, 2003, p. 147. Ainda na mesma página, Luísa Malato afirma mesmo que, nessa cultura humanista, “a comum associação da literatura ao “canto”, “à dispersão das palavras ao vento” ou “pelo mundo”, evidenciada pela literatura do século XVI, parece necessariamente passar pela reavaliação do papel da Retórica e da Literatura.”

³ *Id. Ibid.*, p. 147.

⁴ *Id. Ibid.*, “ , p. 147.

⁵ PLATÃO – *Górgias*, trad. de M. de Oliveira Pulquério, Lisboa, Edições 70, 1992, p. 20. Itálico nosso.

⁶ Roland Barthes faz notar que enquanto “... Corax avait lancé une rhétorique purement syntagmatique, Gorgias, en demandant que l’on travaille les «figures», lui donne une perspective paradigmatique.” (BARTHES, Roland – «L’Ancienne Rhétorique» in *L’Aventure Sémiologique*, Paris, Éditions du Seuil, 1985, p. 92)

⁷ ARISTÓTELES – *Rhetoric*, in “The New Complete Works of Aristotle”, ed. Jonathan Barnes, Princeton, 6 ed., Princeton University Press, 1995, p. 2155. Embora a persuasão, o *movere*, surja, na Antiguidade Clássica, como marca distintiva da Retórica, outras características da mesma, o *delectare* e o *docere* não deixam, como salienta Tomas Abaladejo, de se exprimir (ABALADEJO, Tomas – *Retórica*, Madrid, Editorial Sintesis, 1989, p. 127). Actualmente, o carácter persuasivo é a marca distintiva da Retórica, uma disciplina que, nas palavras de Chaïm Perelman e Lucie Olbrecht, tem como objectivo “... provoquer ou d’accroître l’adhésion des esprits aux thèses qu’on présente à leur assentiment” (PERELMAN, Chaïm et OLBRECHT, Lucie – *Traité de l’Argumentation*, 2^a éd., Bruxelles, Éditions de l’Institut de Sociologie, 1970, p. 5).

⁸ Olivier Rebolou fala do modo como Aristóteles converteu a Retórica num sistema lógico e coerente, numa “... psychologie des passions et des caractères, une stylistique, le tout repris dans une réflexion philosophique”, e, assim, a inseriu na *païdeia* (REBOUL, Olivier – *La Rhétorique*, 3^a éd., Paris, Presses Universitaires de France, 1990, p. 17). Seja como for, Platão não deixa de aludir, no *Fedro*, a uma retórica também filosófica, cujo objecto seria a verdade (PLATÃO – *Fedro*, trad. de Pinharanda Gomes, Lisboa, Edições Guimarães, 2000, pp. 87-130).

⁹ Será fundamental levar a cabo uma distinção prévia entre aquilo que se poderá denominar de “memória retórica”, operável em termos de aperfeiçoamento, e entre a própria “memória natural” ao serviço da qual a primeira se encontra (cf. YATES, Frances – *The Art of Memory*, London and New York, Routledge, 1999, p. 5, e ALBALADEJO, Tomas – *Op. cit.*, p. 159).

... neither perception nor conception, but a state or affection of one of these, conditioned by lapse of time. As already observed, there is no such thing as memory of the present while present; for the present is object only of perception, and the future, of expectation, but the object of the memory is the past.¹⁰

Ainda que na Antiguidade latina, a memória fosse, por vezes, mesmo como elemento artificial, considerada como um dom impossível de ser ensinado e, por essa razão, houvesse quem a excluísse do sistema da Retórica¹¹, a verdade é que se deve optar antes pela menção da sua importância no que concerne ao funcionamento do sistema. Mediante o seu papel de entidade conservadora de certas informações, a memória apresenta-se como o instrumento propiciatório de todas as restantes partes da Retórica. Com efeito, afirma Tomas Albaladejo:

La memoria se constituye, pues, como una operación imprescindible para la culminación de la actividad retórica del orador en una pronunciación del discurso que logre el mayor efecto comunicativo posible en el receptor, por lo que su funcionalidad en la serie que forma el eje vertical y en la totalidad de la organización del modelo retórico es absoluta. Por consiguiente, la memoria actúa, dentro de la estructura global del hecho retórico, al servicio de la utilitas de la causa y tiene la idea aptum como guía en la fundamental conexión que establece entre los niveles de inventio, dispositio y elocutio y la actualización del discurso por medio de la actio o pronunciatio.¹²

Frances Yates faz notar que a memória integrava o sistema da Retórica como uma técnica que, a partir do seu aperfeiçoamento, permitia ao orador proferir longos e elaborados discursos sem falhas, e acrescenta:

And it was as a part of the art of the rhetoric that the art of memory travelled down through the European tradition in which it was never forgotten, or not forgotten until comparatively modern times, that those infallible guides in all human activities, the ancients, had laid down rules and precepts for improving the memory.¹³

Alcuíno coloca também em evidência o papel decisivo da memória no desempenho do discurso retórico, quando, incitado por Carlos Magno a pronunciar-se sobre esta questão, responde da seguinte forma:

¹⁰ ARISTÓTELES – *On Memory* in “The New Complete Works of Aristotle”, ed. Jonathan Barnes, p. 714. Embora Aristóteles aluda, na *Retórica*, à importância da memória no âmbito do discurso retórico, é neste texto, do qual Paul Ricoeur elabora uma excelente análise, que o Estagirita propõe uma definição concreta desta faculdade (RICOEUR, Paul – *La mémoire, l’histoire, l’oubli*, Paris, Éditions du Seuil, 2000, pp. 18-24).

¹¹ Albaladejo faz notar que o interesse pela memória decaiu no Renascimento, voltando a surgir apenas no século XVII, mas sublinha, logo a seguir, que já na retórica clássica esse interesse era fraco (ALBALADEJO, Tomas – *Op. cit.*, p. 162).

¹² ALBALADEJO, Tomas – *Op. cit.*, p. 163.

¹³ YATES, Frances – *Op. cit.*, p.18. Yates rejeita, desta forma, a referida noção de memória retórica como algo de inato e inaperfeiçoável.

ALCUIN: “What indeed unless I repeat the words of Marcus Tullius that ‘Memory’ is the treasure-house of all things and unless it is made custodian of the thought-out things and words, we know that all the other parts of the orator, however distinguished they may be, will come to nothing.”¹⁴

Através da memória, o indivíduo, ser sempre dependente do olhar do Outro¹⁵ na construção da sua identidade, é orientado, na verdade, para uma série de funções psíquicas, graças às quais pode actualizar actos elementares, mas também e sobretudo, impressões ou informações que apresenta como passadas. A memória configura-se, graças a esse poder de actualização, como um elemento essencial na construção daquilo que costuma surgir sob a denominação de "identidade colectiva", cuja busca aparece, nas palavras de Jacques Le Goff, como “uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”¹⁶ Memória e identidade nutrem-se reciprocamente, numa procura empenhada do resgate de um passado que confira forma e sentido, quer ao presente, quer ao futuro. Só desse modo se torna possível a construção de uma identidade e de uma cultura válidas para a sociedade de determinada época histórica, de determinado presente colectivo.

Acerca do conceito de cultura, pronuncia-se Juri Lotman nos seguintes termos:

As a methodological abstraction, one may imagine language as an isolated phenomenon. However, in his actual functioning, language is molded into a more general system of culture and, together with it, constitutes a complex whole. The fundamental “task” of culture, as we will try to show, is in structurally organizing the world around man. Culture is the generator of structuredness, and in its way it creates a social sphere around man which, like the biosphere, makes life possible...¹⁷

Desta e de outras passagens deriva, sem dúvida, a afirmação de Aguiar e Silva, segundo a qual

Lotman define a cultura como a memória não hereditária de uma comunidade, como o conjunto da informação não genética e dos meios necessários para a sua organização, a sua preservação e a sua transmissão: a cultura não é apenas um acervo de informação, mas é também um complexo mecanismo de elaboração e comunicação – [...] – desse propósito informativo.¹⁸

¹⁴ YATES, Frances – *Op. cit.*, p. 53.

¹⁵ Em “L’Ancienne Rhétorique”, Roland Barthes fala do modo como através da educação por meio da Retórica, a palavra, na Antiguidade, era expulsa do corpo do sujeito, quebrando o silêncio inibitório e acabando por representar “... un bon rapport «objectal» avec le monde, une bonne maîtrise du monde, des autres.” (BARTHES, Roland – *Op. cit.*, p. 99). Paul Ricoeur, no entanto, postula precisamente como uma das causas da fragilidade da identidade do indivíduo o “confronto com o outro”: “C’est un fait que l’autre, parce que autre, vient à être perçu comme un danger pour l’identité propre, celle du nous comme celle du moi.” (RICOEUR, Paul – *Op. cit.*, p. 99).

¹⁶ LE GOFF, Jacques – *História e Memória*, trad. Bernardo Leitão, Campinas, SP Editoras, 1990, p. 477.

¹⁷ LOTMAN, Juri – “On The Semiotic Mechanism of Culture” in *New Literary History*, vol. 9, nº 2, Soviet Semiotics and Criticism: An Anthology, Winter, 1978, p. 213.

¹⁸ AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de – *Teoria da literatura*, 8ª ed., Coimbra, Almedina, 2002, p.93.

Deve-se inferir de tal definição de cultura, o estabelecimento de uma equivalência entre a mesma e um processo linguístico/retórico que se materializa como seu meio de expressão. Mas, se na memória tornada, pela visão de Yuri Lotman, sinónimo de cultura é propiciado um discurso retórico em que o aparecimento dos argumentos tidos como "informação não genética" funda um diálogo conexo entre os lugares da argumentação e os lugares da memória, como é advogado quer na fala de Alcuíno, quer no aparato teórico de Albaladejo, a degeneração desta, corporizada na expressão de uma afasia extrema por parte do orador, anulará a possibilidade do uso concertado das habituais restantes partes constituintes do seu discurso. Maurice Halbwachs, na sua análise exterior da Memória, faz, por sua vez, notar, com efeito, que

En résumé, il n'y a pas de mémoire possible en dehors des cadres don't les homes vivant en société se servent pour fixer et retrouver leurs souvenirs. Tel est le résultat certain où nous conduit l'étude du rêve et de l'aphasie, c'est-à-dire des états les plus caractéristiques où le champ de la mémoire se rétrécit. Dans les deux cas, ces cadres se déforment, s'altèrent, se détruisent en partie [...] ¹⁹

A estruturalidade inerente à cultura é irremediavelmente destruída por um estado de afasia que debilita o seu veículo de expressão. O privilégio concedido, quer por Lotman, quer por Albaladejo, a esse tipo de configuração é, de facto, um dos principais motivos de identificação entre cultura e Retórica. E se a memória for entendida como metonímia da primeira e sinédoque da segunda, como acaba de ser proposto, interessará, então, sublinhar que um dos efeitos produzidos pela debilitação da memória, implicando uma deformação directa das outras partes da Retórica, poderá ser, num primeiro momento, a transformação do discurso retórico em não mais do que um circunlóquio desconexo, uma totalidade circular e sem clareza onde a hierarquia de níveis estruturais do "feixe de sistemas semióticos", conceito proposto também por Lotman, se encontra profundamente desestabilizada logo a partir dos seus alicerces elementares.

O discurso retórico é, como sublinha Albaladejo,

... una organización sistemática en la que cada un dos elementos está en función de la totalidad del conjunto, siendo la actividad global basada en la interacción pragmática y centrada en el texto la que produce el efecto comunicativo de persuasión. ²⁰

Quebrada essa organização sistemática, a mensagem do orador, a expressão, segundo Michel Meyer, da problemática que afecta a sua condição "... dans ses passions comme dans sa raison et son discours" ²¹, será transformada, portanto, em algo de indescodificável para a audiência que o escuta, toda a possibilidade de comunicação e persuasão retórica será destruída, abrindo-se um fosso intransponível entre estas duas entidades; um fosso que, no entanto, ao tornar-se inundado por um silêncio retórico, se torna, ele próprio, uma tábua rasa inesperadamente eloquente. Meyer chama, com efeito, a atenção para a seguinte circunstância:

¹⁹ HALBWACHS, Maurice – *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris, Albin Michel, 1994, p. 79.

²⁰ ALBALADEJO, Tomas – *Op.cit.*, p. 52.

²¹ MEYER, Michel – *Questions de Rhétorique : langage, raison et séduction*, Paris, Librairie Générale Française, 1993, p. 26.

Le problème vient de ce que nous faisons partie intégrante de groupes tout en étant différent des autres avec lesquels nous partageons cependant cette identité collective. La rhétorique, sous une forme ou un autre, est cet espace où l'identité devient différence et la différence identité, dans un jeu subtil de proximités et d'éloignements, de communauté et d'exclusion. Il y a là une part d'illusion et d'espérance, comme il y a des effets rhétoriques qui font agir parfois les hommes de concert, pour le meilleur comme pour le pire. La rhétorique semble ainsi pouvoir annuler la différence pour créer l'identité, comme elle peut ouvrir dans le sens inverse, mais le plus souvent, les deux mouvements coexistent.²²

Referindo-se ao indivíduo em estado de afasia, afirma, por seu lado e uma vez mais, Maurice Halbwachs:

Il ne peut plus, dans certaines circonstances, identifier sa pensée avec celle des autres, et s'élever à cette forme de représentation sociale qu'est une notion, un schème ou un symbole d'un geste ou d'une chose. Sur un certain nombre de points de détail, le contact est interrompu entre sa pensée et la mémoire collective.²³

Neste caso, o estado de afasia revelado, em *Waiting for Godot* de Samuel Beckett, na praticamente única fala de Lucky – alimentada por uma voz que, faz notar Martin Esslin, "... explore the mysteries of being and self to the limits of anguish and suffering"²⁴ – não é apenas o fruto de uma condição servil imposta por uma força exterior que procura, precisamente, despojar de sentido determinada identidade. Simultaneamente, é, também, o sinal e o instrumento da tirania da palavra, para que as diferenças de estatuto ou poder se instaurem, de forma inapelável, por uma "Retórica do silêncio", despoletada, paradoxalmente, por ação dessa tirania. Daí deriva que Anselm Atkins descortine, nas personagens de Samuel Beckett, uma vocação "to babble on into silence" e Lucky como "such a man babbling his way to silence".²⁵

A despeito da conservação de alguns indícios ou conotações manifestados no interior do seu discurso, Lucky vê-se, por conseguinte, impossibilitado de actualizar uma memória colectiva, essa "cultura não hereditária de uma comunidade", representação, segundo Roland Barthes, e tal como o conceito de memória em Aristóteles, de "... tout en nous sauf notre présent"²⁶, que, paradoxalmente, devolva o sentido, no tempo e na sociedade presentes, a uma identidade desprovida de individualidade e voz persuasiva – a sua própria. Acabará por achar, porém, num silêncio motivado por essa impossibilidade, a mais eficaz forma de persuasão do seu auditório.

²² *Id. Ibidem*, p. 126. Nesta obra, Michel Meyer refere o modo como todo o discurso retórico assenta num exercício de mediação das diferenças entre sujeitos. Da mesma forma, Chaïm Perelman e Lucie Olbrecht postulam que a Retórica "... suppose l'établissement d'une communauté des esprits qui, pendant qu'elle dure, exclut l'usage de la violence" (PERELMAN, Chaïm et OLBRECHTS, Lucie – *Op. cit.*, p. 73).

²³ HALBWACHS, Maurice – *Les cadres sociaux de la mémoire*, p. 80.

²⁴ ESSLIN, Martin – *The Theatre of the Absurd*, London, Penguin Books, 1991, p. 60.

²⁵ ATKINS, Anselm – «Lucky's Speech in Beckett's *Waiting for Godot*: A Punctuated Sense-Line Arrangement», *Educational Theatre Journal*, The Johns Hopkins University Press, vol. 19, N° 4, Dec. 1967, p. 426.

²⁶ BARTHES, Roland – *Le Plaisir du Texte*, Paris, Éditions du Seuil, 1973, p. 37.

II. Memória e Retórica: O paradigma beckettiano de Lucky

Em Janeiro de 1953, Samuel Beckett vê estrear, em Paris, aquela que se viria a tornar a sua peça simultaneamente mais controversa e influente: *En Attendant Godot*. A mesma passa a ter uma dupla existência quando, depois de vertido o texto pelo próprio autor para o seu idioma nativo, estreia em Londres, em Agosto de 1955, agora com o título de *Waiting for Godot*.²⁷ Nesta, como em outras obras do autor irlandês, independentemente do género em que se inscrevam, o propósito estético é, tal como esclarece James Olney, “to find a form that accomodates mess.”²⁸ Mas o principal agente desta desordem é a própria memória humana e o seu carácter obsessivo e auto-destruidor.²⁹ Olney considera, assim, a obra de Beckett como “... memory bound, as memory determined, as any writing of our time and that while the memory at issue is one of its aspects specific and individual, in another it is collective in nature.”³⁰ Será em *Waiting for Godot*, sobretudo por intermédio de Lucky, que mais expressivamente se efectuará, como demonstra Ramona Cormier, a adequação da forma à complexidade da problemática abordada por Beckett:

In *En attendant Godot*, Beckett seems to say that, on the one hand, our bodies and our minds are faulty and our human relationships leave much to be desired, while on the other hand, memory, which in principle should serve as useful tool, is characterized by defectiveness.³¹

É nesta peça que mais visivelmente se traduz em inconsequência, desespero e excesso de absurdo o esforço efectuado pela memória com vista à anulação da desordem da qual é ela a própria a origem.³² Porque só anulada essa desordem, se poderá materializar a memória na função de garante de identidade e veículo persuasor válido.³³

A sinopse abreviada do enredo do texto em questão poderá ser o seguinte: dois homens, Vladimir e Estragon, de idade e estatuto indeterminados, e vestidos como maltrapilhos, encontram-se junto a uma árvore exaurida e sem folhas. Enquanto aguardam pela chegada, que acabará por nunca se concretizar, de alguém chamado Godot, os dois vão-se impacientando e conversando sobre vários assuntos de forma

²⁷ Será esta a edição a servir-nos de base.

²⁸ OLNEY, James – *Memory & Narrative: the wave of live-writing*, Chicago, The University of Chicago Press, 1998, p. 370.

²⁹ Neste caso, Beckett procura uma forma que acomode, nas palavras de Jeanette Malkin, as “*unepic variations of memoried states of being that, while interrelated, relate in a fluid and noncohesive manner, creating a theatrical lexicon of objectless remembrance, a postmodern discourse on the dramatic ontology of memory.*” (MALKIN, Jeanette – *Memory - Theater and Postmodern Drama*, Michigan, The University of Michigan Press, 1999, p. 39).

³⁰ OLNEY, James – *Op. cit.*, pp. 370-371.

³¹ CORMIER, Ramona – *Waiting for death: the philosophical significance of Beckett's en attendant Godot*, Alabama, Alabama University Press, 1979, p. 23.

³² É este esforço inconsequente da memória um dos traços caracterizadores do Teatro do Absurdo, o mesmo que faz com que, sublinha, Martin Esslin “It can merely present, in anxiety or with derision, an individual being’s intuition of the ultimate realities as he experiences them; the fruits of one man’s descent into the depths of his personality, his dreams, fantasies, and nightmares.” (ESSLIN, Martin – *Op. cit.*, p. 392).

³³ Ainda nas páginas 370 e 371 do estudo comparativo da memória em Santo Agostinho e Samuel Beckett, apresentado, por James Olney, com o título *Memory & Narrative*, esta faculdade surge como equivalente do próprio ser. É da autoria de Santo Agostinho, efectivamente, a seguinte afirmação: “Aí [na memória] me encontro comigo mesmo e recordo-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz, e de que modo fui impressionado quando o fazia. Aí estão todas as coisas de que eu me recordo, quer aquelas que experimentei quer aquelas em que acreditei.” (AGOSTINHO, Santo – *Confissões*, trad. Arnaldo Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia, Lisboa, IN-CM, 2000, pp. 453-459).

aparentemente não motivada. Entretanto, dá-se a entrada em cena de outras duas personagens, Pozzo e Lucky, que vão abalar, em definitivo, as concepções de Vladimir e de Estragon, bem como as do próprio público, relativamente ao que de verdadeiramente perplexo se pode relacionar com a memória e a sua eficácia retórica, quando se verifica a sua desordem e desintegração.

Centrando-nos sobre tal encontro, Pozzo é o senhor que se dirige ao mercado para vender Lucky, o seu escravo, depois de longas décadas em que se manteve esta relação desigual. Decorridos alguns momentos de conversa e peripécias que Vladimir e Estragon lhe proporcionaram após prolongadas horas de viagem solitária, Pozzo, como forma de entretenimento e recompensa pelo “serviço prestado”, propõe-lhes uma espécie de representação levada a cabo por Lucky, sugerindo:

POZZO: [...] What do you prefer? Shall we have him dance, or sing, or recite, or think, or –

ESTRAGON: Who?

POZZO: Who! You know how to think, you two?

VLADIMIR: He thinks?

POZZO: Certainly. Aloud. He even used to think very prettily once. I could listen to him for hours. Now... [He shudders.] So much the worse for me. Well, would you like him to think something for us?³⁴

A performance proposta por Pozzo consistirá num longo discurso que Lucky, de corda cingida ao pescoço, reproduzirá com recurso a uma memória em manifesta condição débil e caótica. A avaliação do discurso de Lucky, tal como aqui é concebido, isto é, como tentativa desesperada de resgatar a lembrança dos lugares que lhe serviam de garante de identidade no momento anterior ao choque que instaura o seu estado de servidão precária, encontra apoio nas seguintes observações de Maurice Halbwachs, retiradas, desta vez, de *La mémoire collective*:

Tout se passe ici comme dans le cas de ces amnésies pathologiques qui portent sur un ensemble bien défini et limité de souvenirs. On a constaté que quelquefois, à la suite d'un choc cérébral, on oublie ce qui s'est passé dans toute une période, en générale avant le choc, en remontant jusqu'à une certaine date, tandis qu'on se rappelle tout le reste.³⁵

Relativamente ao primeiro nível da retórica, a *inventio*, Barthes apela para a circunstância de a mesma “... renvoie moins à une invention (des arguments) qu'à une découverte : tout existe déjà, il faut seulement le retrouver : c'est une notion plus «extractive»”³⁶. Esta “descoberta” corresponderá, portanto e com o auxílio da parte retórica da memória, à extracção dos argumentos adequados à produção de uma lógica discursiva válida. Tal extracção, que configurará a *materia*³⁷, torna-se possível graças aos chamados lugares da argumentação que surgem, em Aristóteles, sob a designação

³⁴ *Id. Ibidem*, p. 39.

³⁵ HALBWACHS, Maurice – *La mémoire collective*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968, p. 10.

³⁶ BARTHES, Roland – *L'Aventure Sémiologique*, p. 125.

³⁷ Albaladejo define a *materia* como o assunto do texto retórico, isto é, como configuração da *res*, que depois será objecto de elaboração discursiva. Relativamente à *res*, o teórico espanhol opera uma distinção entre “*res* de índole semântica como contenido extensional”, vinculada à *inventio*, e “*res* de índole sintáctica como contenido intensional”, característica da *dispositio*. Assim sendo, a primeira surge como referente do texto, formando, por conseguinte, uma microestrutura, e a segunda como estrutura profunda textual, ligada ao nível do significado e formando uma macroestrutura.

de Tópica e que são o resultado, no dizer de Albaladejo, “... de la división del mundo por parte de la Retórica, por la que se obtiene una sistematización de la realidad y, por tanto, de todo posible referente”³⁸. Ora, é justamente ao nível da Tópica que se desenham os contornos da primeira das grandes problemáticas com que o leitor/espectador é confrontado, quando se empenha na tarefa de analisar, acuradamente, o discurso de Lucky em termos retóricos abrangentes. Perelman e Olbrecht fazem notar que “Les lieux de la personne peuvent être fondées sur ceux de l’essence, de l’autonomie, de la stabilité, mais aussi sur l’unicité et l’originalité de ce qui se rattache à la personnalité humaine.”³⁹. Como será possível, nesse caso, atingir o discernimento da tópica em que Lucky funda, como ser bestializado, os seus argumentos, caso eles existam? Os tradicionais lugares da argumentação, razão/*logos*, costume/*ethos* e emoção/*pathos*, são, na realidade, lugares ligados à essência, mas indelevelmente a uma essência “humana” de que falamos Perelman e Olbrecht. Tal significa que a impossibilidade de Lucky em se poder servir de qualquer um destes lugares argumentativos, por virtude da negação de estatuto humano de que é vítima, mas ao fundar num deles o seu discurso, possa ser apontada como o primeiro e mais decisivo factor a determinar a falta de relação com a lógica e consequente ausência de objectividade e poder persuasor desse discurso. Ao contrário do que é regra num discurso que cumpra os requisitos de uma *perspicuitas*⁴⁰ retórica, assente numa estrutura de conjunto referencial credível, a forma como os argumentos, ou a ausência deles, é apresentada por Lucky não tem em atenção, na realidade, qualquer gradação de verosimilhança, o que, por conseguinte, anula qualquer probabilidade de reconhecimento da verdade do seu material discursivo. Albaladejo recorda-nos, com efeito, que

La credibilidad de la narración se obtiene en virtud de la intensionalización, de tal modo que se consiga una narratio verosímil estructurada en la dispositio, como representación de una narratio formada en la inventio por materiales semántico-extensionales de condición verdadera o verosímil.⁴¹

O facto de não ser possível ignorar a materialização do discurso de Lucky, força a pressuposição de que o orador terá que se ter fundamentado num dos lugares da argumentação acabados de referir. Seria necessário considerar, nesse caso, que Lucky, numa reminiscência desesperada da essência que define uma condição humana da qual actualmente se vê despojado, guardada no *logos* e no *ethos*, só pode fundar o seu discurso num *pathos* exacerbado. Por essa razão, ele é apenas capaz de, num estado de descontrolada ansiedade, se alimentar de indícios e conotações, ainda que manifestando, em todo o caso, algum grau de articulação⁴². O material pertencente a uma memória profunda, já de si incompleto e precariamente inarticulado, passa a ser actualizado por uma mera memória de superfície manifestada de forma mecânica e quase intuitiva. De acordo com o pressuposto bergsoniano, em tratando-se da lembrança,

³⁸ ALBALADEJO, Tomas – *Op. cit.*, p. 95.

³⁹ PERELMAN, Chaïm et OLBRECHTS, Lucie – *Op. cit.*, p. 131.

⁴⁰ A *perspicuitas* retórica, de acordo com Lausberg, “... consiste na compreensibilidade intelectual do discurso”. Uma vez que “A compreensibilidade intelectual é, ela própria, condição prévia da credibilidade: só aquilo que é compreendido pode ser crível” (LAUSBERG, Heinrich – *Elementos de Retórica Literária*, trad. de R. M. Rosado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 127).

⁴¹ ALBALADEJO, Tomas – *Op. cit.*, p. 91.

⁴² Martin Esslin faz notar que é “... this striving to communicate a basic and as yet undissolved totality of perception, an intuition of being, that we can find a key to the devaluation and disintegration of language in the Theatre of the Absurd.” (ESSLIN, Martin – *Op. cit.*, p. 396).

Le corps conserve des habitudes motrices capables de jouer à nouveau le passé; il peut reprendre des attitudes où le passé s'insérera ; ou bien encore, par la répétition de certains phénomènes cérébraux qui ont prolongé d'anciennes perceptions, il fournira au souvenir un point d'attache avec l'actuel, un moyen de reconqu岸rir sur la réalité présente une influence perdue: mais en aucun cas le cerveau n'emmagasinera des souvenirs ou des images.⁴³

Comprender-se-ia, assim, a razão que força Lucky a apresentar os seus “argumentos” numa ordem notoriamente caótica: o recurso a uma lembrança de superfície quase maquinal, mas que procura, emotivamente, estabelecer “um ponto de ligação com o actual”, que tenta, de modo confuso, “reconquistar na realidade presente uma influência perdida”: a influência de uma essência livre e racional, alimentada por uma memória mais profunda, na determinação, por parte do sujeito, do seu *modus vivendis*, do seu próprio destino e da sua própria narrativa. Ficaria também explicada a circunstância de, no seu discurso, a Tópica, enquanto tábua de argumentos, não esgotar, inclusive mal abordar, qualquer um dos seus parâmetros.

Ainda que se continue a considerar que Lucky funda o seu discurso no aproveitamento de reminiscências passadas, verificar-se-ia, à primeira vista, um entrave à validade de tal consideração. Isto, pelo facto de a apresentação de uma série de provas e fontes por parte do orador parecer constituir um indício da *voluntas* deste em fundar o mesmo no *logos*, conferindo-lhe uma feição e uma validade pretensamente académicas. Será de notar, porém, o modo como essa intenção é simultaneamente fabricada e desconstruída a partir da configuração dos próprios elementos que a enformam. Através de um exercício dedutivo nutrido por um estado de racionalidade precária, Lucky parece partir de uma especulação inconsequente em torno da natureza divina, o geral, para justificar a condição de um elemento particular da criação pertencente a Deus, o Homem. Podem, logo à partida, ser considerados como inconsequentes os resultados de tal especulação, porque se, por um lado, Deus é, já por si, uma entidade avessa a exercícios racionais explicativos, por outro, a definição que é apresentada ao auditório baseia-se em lugares ociosos de provas extrínsecas ou naturais (*atechnoi*) que obstaculizam a pretensa correcção ou validade da mesma. Lucky inicia, com efeito, o seu discurso da seguinte forma:

LUCKY: Given the existence as uttered forth in the public Works of Puncher and Wattman of a personal God quaquaquaqu with white beard quaquaquaqu outside time without extension who from the heights of divine apathia of divine athambia divine aphasia love us dearly with some exceptions for reasons unknown...⁴⁴

Se qualquer exercício de definição pressupõe o conhecimento do todo que se quer definir, bem como a definição da totalidade dos conceitos que com este se

⁴³ BERGSON, Henri – *Matière et Mémoire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1959, p. 253. Bergson valorizaria, aliás, sob uma memória superficial anónima, assimilável ao hábito, uma memória profunda, pessoal, “pura”, que não é assinalável em termos de “coisas” mas de “progresso”. Barbara Misztal faz notar que só uma memória profunda se encontra apta a submeter o passado a reflexão, tornando possível, “... by highlighting the past's difference to the present, the emergence of a form of critical reflection and the formation of meaningful narrative sequences.” (MISZTAL, Barbara – *Theories of Social Remembering*, Milton Keynes, Open University Press, 2003, p. 10).

⁴⁴ BECKETT, Samuel – *Op. cit.*, pp. 42-45. É nestas breves páginas que se encontra transcrito o discurso de Lucky, pelo que se acha desnecessária a repetição da referência aquando da posterior citação de excertos.

relacionam, fácil será então constatar que a definição apresentada por Lucky nunca poderá ser considerada o resultado de um pensamento analítico, não só em virtude da natureza das provas apresentadas, mas também devido à inserção de significantes desprovidos de qualquer significado, num exercício resultante do acentuado estado de afasia sofrido pelo orador. Além disso, a enumeração dos outros conceitos relacionados com essa definição primeira, os termos teológicos arcaicos “divine apathia, divine athambia, divine aphasia”, exemplifica-a e explicita-a. Se se recorrer, nesse caso, ao aparato terminológico de Bergson, tal enumeração e toda a definição, configurada nesses moldes particulares, resultam da circunstância do discurso de Lucky parecer alimentar-se de uma memória motivada por “certos fenómenos cerebrais que prolongaram antigas percepções”, procurando construir um sentido para a condição presente do enunciador dessa mesma definição. Porém, essas “antigas percepções”, ao serem recuperadas de forma mecânica por uma memória de superfície, reproduzem um conhecimento do passado que se apresenta como obscuro. Sublinhe-se, nesse acto de resgate, o valor da *autoritas*: os trabalhos de supostos estudiosos ou investigadores e entidades pretensamente académicas como “Puncher”, “Wattman”, “Acacacademy of Anthropolopometry of Essy-in-Possy”, “Testew”, “Cunard”, “Feckham”, “Peckham”, “Fulham”, “Clapham”, “Fartov”, “Belcher”, “Steinweg”, “Petterman”. Como facilmente se constata, estas são provas desmontáveis a partir da sua própria configuração gramatical. Nelas, a nomeação resulta, por conseguinte, da utilização ou associação de termos remetendo para significantes comuns, como sucede com “Steinweg” e “Petterman”, de índole indecorosa e escatológica, nos casos de “Fartov” e “Belcher”, ou, então, carregados de um vazio de sentido pronunciado, marcados pela ausência de uma referencialidade espaço-temporal válida, como se verifica com “Feckham” ou “Peckham”. Toda esta realidade coloca em causa a probabilidade de verdade dos argumentos que tais fontes e provas têm como objectivo fundamental. O recurso exaustivo às mesmas, como que ansiando a validação de uma espécie de argumento *ad nauseam*, é efectuado, além disso, de modo viciosamente circular⁴⁵, em que o ênfase é colocado mais na menção e na repetição inconcludente das mesmas, bem como no seu valor apriorístico, do que no conhecimento por elas veiculado. Entra-se na falácia lógica *post hoc ergo propter hoc*, como é possível observar na transcrição seguinte:

... it is established beyond all doubt all other doubt than that which clings to the labors of men that as a result of the public Works of Puncher and Wattman it is established beyond all doubt that in view of the labors of Fartov and Belcher left unfinished for reasons unknown of Testew and Cunard left unfinished...

E quando se parece atingir uma premissa válida, um género de apotegma, correspondente à constatação de que “... man in brief in spite of the strides of alimention and defecation is seen to waste and pine...”⁴⁶, o discurso imediatamente

⁴⁵ Lausberg refere dois tipos de circularidade no discurso. Se, por um lado, na totalidade linear, se verifica uma direcção no espaço ou no tempo, por outro, na totalidade circular não se verifica qualquer uma dessas direcções, sendo que a mesma repousa em si como sistema (LAUSBERG, Heinrich – *Op. cit.*, p.101).

⁴⁶ Efectivamente, é esta “premissa” que permite, a Bruno Clément, descortinar o assunto do discurso de Lucky: “De fait, Beckett présente sur scène la déchéance de la figure humaine qui ne cesse de tomber comme s’il s’agissait d’une tendance naturelle.” (CLÉMENT, Bruno – *Samuel Beckett*, Paris, apdf, 2006, p. 62). Lawrence Graver, apoiando-se nas anotações efectuadas por Beckett quando aquele dirigiu, em 1975, a peça no Schiller Theater, defende este mesmo ponto de vista: “The monologue’s theme, he [Beckett] told the cast, is ‘to shrink on an impossible earth under an indifferent heaven’, and it is divided into three parts: an apathetic divinity, dwindling man, and indifferent nature.” (GRAVER, Lawrence – *Beckett: Waiting for Godot*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004, p. 46). O ponto de vista que

reentra numa circularidade desestruturada, onde, sublinhando o próprio desconhecimento, se dá por provado aquilo que se está a procurar provar. Daí a afirmação do orador que “... in a word for reasons unknown no matter what matter the facts are there...”. Também ao nível da *dispositio*, os efeitos da memória constringida de Lucky se farão notar:

La mémoire, gravitant autour des intérêts majeurs de la vie personnelle, obéit ainsi aux variations de ces intérêts. Flux et reflux qui nous enlèvent ou nous restituent de larges pans de notre vie antérieure, selon les nécessités de cette intelligibilité de nous à nous-mêmes à laquelle la mémoire obéit.⁴⁷

A validade deste conceito de memória (que Georges Gusdorf associa, em *Mémoire et Personne*, a interesses ou questões elevados, “intérêts majeurs”, e identifica como fluxo e refluxo de imagens de uma vida ou condição anterior) aponta para a impossibilidade de uma *dispositio* eficaz. No discurso de Lucky, ao nível da relação que as ideias estabelecem entre si, não existe exórdio, desenvolvimento e conclusão. A natureza abstracta e complexa de tais “intérêts majeurs”, bem como a circunstância de um encadeamento, numa memória já por si debilitada, de imagens que se apresentam como fluxo e refluxo nunca poderá servir de base ao fabrico de uma narrativa logicamente sólida. O exercício pretensamente persuasivo de Lucky começa e termina, assim, em suspenso, sem que seja possível, ao auditório, percepcionar uma coerência lógico-argumentativa que lhe sirva de motivo estruturador transversal, situação que vai ao encontro daquilo que Juri Lotman postula, em termos de eficácia retórica:

Dado que a própria natureza textual da enunciação faz com que seja interpretada de modo semelhante, há uma carga retórica especial que vem cair nos elementos que assinalam a presença do texto. Possuem assim uma marca altamente retórica as categorias do «início» e do «fim», relativamente às quais a carga significativa deste nível de organização cresce sensivelmente.⁴⁸

As deformações ocorridas, ao nível da *dispositio*, transformam o discurso de Lucky, ao nível da *elocutio*, num extenso circunlóquio construído sobre os alicerces de um recurso incessante a figuras de acumulação, agrupadas numa hipotaxe ininterrupta, avessa a qualquer regra de pontuação. Tal circunstância anula, obviamente, todos os requisitos de clareza e vernaculidade exigidos por qualquer discurso que pretenda cumprir os requisitos da *perspicuitas* e do *aptum* retóricos. O recurso insistente ao assíndeto não só faz com que não se cumpram os requisitos de compreensibilidade do discurso, como produz, ainda, um efeito rítmico violento sobre o auditório⁴⁹. Estamos

aqui temos tentado desenvolver mais facilmente encontraria, contudo, fundamento na seguinte afirmação de Ramona Cormier: “Even though the central concept of Lucky’s speech (that man has regressed) can be isolated, this speech, which gives the effect of a broken record, is rife with fragments of thought concerning God, science, sports, geography, academism, and perhaps alluding to the geological and cultural ages of man.” (CORMIER, Ramona – *Op. cit.*, p. 26).

⁴⁷ GUSDORF, Georges – *Mémoire et Personne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1951, p.325.

⁴⁸ LOTMAN, Juri – «Retórica» in *Enciclopédia Einaudi*, Literatura-Texto, trad. de Rui Santana Brito, Lisboa, IN-CM, Vol.17, 1987.

⁴⁹ O estado de desordenamento da memória e do seu material conduz a um fenómeno de repetição que, segundo Steven Connor, se torna central na obra de Beckett e que enquanto “... determines and fixes our sense of our experience it is also the place where certain radical instabilities in these operations can reveal

longe da estipulação aristotélica segundo a qual a linguagem, no discurso retórico, “... must be clear, as is proved by the fact that speech which fails to convey a plain meaning will fail to do just what speech has to do.”⁵⁰. O incomodado auditório de Lucky, em *Waiting for Godot*, é, efectivamente, confrontado com um orador que, a despeito de imitar um discurso argumentativo, ignora todas as qualidades de clareza, brevidade e credibilidade que devem ser apanágio do mesmo. Toda a atitude de Lucky vai, involuntariamente, levar ao absurdo a veracidade da afirmação de James Fentress: “Preservamos o passado à custa de o descontextualizar e, em parte, o esborratar”⁵¹. Na impossibilidade de, quer o auditório ficcional, quer o auditório real, identificarem e associarem um sentido preciso aos raciocínios e formulações gramaticais, os indicadores sintácticos de conexão, utilizados de forma despropositada e abundante, tal como as referências e as provas utilizadas, parecem possuir um valor que se exerce por si próprio, em vez de surgir empenhado na função de instrumento lógico. Bastaria o segmento “... in Feckham Peckham Fulham Clapham namely concurrently simultaneously for reasons unknown...” para sustentar esta observação.

Perelman e Olbrechts observam que “Il est permis de considérer que la liaison entre la personne et ses actes, avec toutes les argumentations qu’elle peut susciter est le prototype d’une série de liens qui donnent lieu aux mêmes interactions et se prêtent aux mêmes argumentations.”⁵² Martin Heidegger, por sua vez, faz notar que “La personne se donne en tout cas comme ce qui accomplit des actes intentionnelles qui se relient entre eux par l’unité d’uns sens. [...] Des actes sont accomplis, la personne est un accomplisseur d’acte.”⁵³. Bastariam estas duas afirmações para nos levar a questionar o conjunto de actos, gestos e movimentos propostos por Lucky como forma de persuasão do auditório. Este, ainda que conservando a catadura antropomórfica, apresenta-se reduzido, por um indivíduo que lhe recusa o estatuto de seu semelhante, à ingrata condição de besta de carga⁵⁴. Perelman e Olbrechts advertem, com efeito, para o facto de que “le discours est la manifestation, par excellence, de la personne”⁵⁵. Ora, se do ponto de vista fisionómico, é possível perceber o corpo de Lucky como forma humana, relativamente aos seus actos, gestos e movimentos, nota-se uma desadequação do mesmo a esse molde, circunstância que, tendo em conta, uma vez mais, o postulado conceptual de Henri Bergson, provocará a distorção das imagens percebidas:

Je vais donc être obligé de chercher dans cette image que j’appelle mon corps, et qui me suit partout, des changements qui soient les équivalents, cette fois bien réglés et exactement mesurés les uns sur les autres, des images qui se succèdent autour de mon corps : les mouvements cérébraux, que je retrouve ainsi, vont redevenir la duplicate de mes perceptions.⁵⁶

themselves” (CONNOR, Steven – *Samuel Beckett Repetition, Theory, and Text*, US, Davies Groups Publishers, 2006, p. 11).

⁵⁰ ARISTÓTELES – *Rhetorics*, in “The New Complete Works of Aristotle”, ed. Jonathan Barnes, p. 2239.

⁵¹ FENTRESS, James – *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*, trad. de Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema, 1994, p. 242.

⁵² PERELMAN, Chaïm et OLBRECHTS, Lucie – *Op. cit.*, p. 432.

⁵³ HEIDEGGER, Martin – *Être et Temps*, trad. par François Vezin, Paris, Gallimard, 1986.

⁵⁴ Também nesta desadequação precária, ao nível da *actio*, do gesto ao corpo, o Teatro do Absurdo manifesta o seu propósito, pois, como salienta Martin Esslin, “Like ancient Greek tragedy and the medieval mystery play and baroque allegories, the Theatre of the Absurd is intent on making its audience aware of man’s precarious position in the universe.” (ESSLIN, Martin – *Op. cit.*, p. 391).

⁵⁵ PERELMAN, Chaïm et OLBRECHTS, Lucie – *Op. cit.*, p. 432.

⁵⁶ BERGSON, Henri – *Op. cit.*, pp. 254 – 255.

O rompimento dos laços que ligam corpo e gesto, provocando a distorção das imagens que ocorrem em volta do primeiro, apresenta-se, inquestionavelmente, como um factor marcante para a debilitação da memória e do espírito de Lucky, pois, como salienta James Fentress, “A nossa memória exprime a ligação do nosso espírito ao nosso corpo e do nosso corpo com o mundo social e natural que nos rodeia.”. Se “No entanto esta continuidade é também fonte de esquecimento normal”⁵⁷, no caso particular de Lucky, ele apresenta-se antes como condição imposta por uma força externa de contornos violentos.

III. Memória: via involuntária para uma “Retórica do silêncio”

Em *Waiting for Godot*, Pozzo é a força transformada em entidade promotora da dissolução do espírito de Lucky, ao quebrar sistematicamente qualquer esboço de continuidade no discurso retórico do segundo. O seguinte excuro laudatório de Pozzo, dirigido a Vladimir e Estragon, comprova inquestionavelmente o exercício de proscição de que Lucky é vítima:

POZZO: You are human beings none the less. [He puts his glasses.] As far as one can see [He takes off his glasses.] Of the same species as myself [He bursts into an enormous laugh.] Of the same species as Pozzo! Made in God's image.⁵⁸

A exclusão de Lucky deste breve repertório de seres orgulhosamente criados à imagem de Deus surge, na verdade, até pela ironia cruel do seu nome, como acto inapelável. Daí a desesperada alusão de Lucky, no final do seu caótico êxtase rememorante, ao “skull fading fading fading”. Lucky parece assim (antes de o auditório lhe cortar a palavra à força) apontar, no interior do próprio discurso, as razões justificativas da caoticidade do mesmo, da impossibilidade de uma argumentação lógica relativa às particularidades de uma essência humana quando a sua memória foi profundamente afectada. A alusão a esse “skull fading, fading, fading” representará o esquecimento de uma memória colectiva que se tornava individual no momento em que Lucky a transformava em conhecimento, sentido e narrativa de si mesmo, da sua condição de ser humano livre, antes de Pozzo, um “senhor da memória”, o transformar em seu escravo e lhe negar a possibilidade de uma retórica por intermédio da palavra. A memória de Lucky, com efeito e de forma angustiante, tenta infrutiferamente recuperar todos os lugares dessa retórica que com ela dialogam, mas as únicas palavras que, para o seu caso, poderiam fazer sentido, seriam, ironicamente, as de Santo Agostinho: “Assim, não é de admirar que esteja longe de mim tudo aquilo que eu não sou. Mas o que é que está mais próximo de mim do que eu próprio? E, no entanto, eis que não abarco a capacidade da minha memória, embora eu, fora dela, não me possa dizer a mim mesmo.”⁵⁹.

Ainda que William Hutchings defenda que o discurso de Lucky, ao apresentar-se como um “metadiscurso”, neste caso, um “discourse about discourse and its breakdown”⁶⁰, configure o falhanço da Retórica, a verdade é que *Waiting for Godot*, ao desconstruir a Retórica inconsequente, abre caminho à expressão de uma “Retórica do silêncio”, onde o poder persuasor reside naquilo que está antes e para

⁵⁷ FENTRESS, James – *Op. cit.*, p. 57.

⁵⁸ BECKETT, Samuel – *Op. cit.*, p. 24.

⁵⁹ AGOSTINHO, Santo – *Op. cit.*, p. 473.

⁶⁰ HUTCHINGS, William – *Samuel Beckett's "Waiting for Godot" A Reference Guide*, Wesport, ABC-CLIO, 2005, p. 75.

além do discurso: um silêncio capaz de despertar no auditório um estranhamento que conduz à revolta. A revolta a que Lucky tentou conferir uma voz coerente, é aquela que este desperta, através de um silêncio involuntário que devolve a dignidade à Memória, nas figuras que compõem o seu auditório. Estamos perante uma concepção do silêncio que parece enraizar-se no próprio modo como o teatro, no século setecentista, concebia a tragédia. De facto, Luísa Malato refere o modo como esse teatro recriará o silêncio sabendo “que com o indizível emocionará o público”⁶¹, isto é, construirá o seu propósito retórico.

Em *Waiting for Godot*, revela-se uma diferença fundacional, profunda, assente numa relação de poder claramente desproporcional, cuja natureza Jacques Le Goff explica da seguinte forma:

... os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito do esquecimento (...), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afectividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória colectiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória colectiva.⁶²

Esquecer esta diferença fundacional é criar a mais falsa das liberdades: a de que não existe retórica porque só existe uma Retórica, ou, então porque é impossível existir Retórica sem o recurso à palavra. Michel Meyer alude, assim, ao facto de que

Dans tout rapport humain, on peut observer le jeu de l’identité et de la différence. Si celle-là rend compte de nos sympathies, de nos rapprochements comme de tout ce qui, en général, définit le communautaire, celle-ci par contre remarque par l’opposition et l’exclusion, par la mise à distance et les relations de pouvoir ou de statut.⁶³

O acto final de Pozzo (nesse jogo, aquele em que surge exacerbado o seu papel de “senhor da memória”, força impositiva de “esquecimentos” e “silêncios” sobre uma memória colectiva da qual Lucky é agora incapaz de ser um porta-voz individual coerente) é o espezinhamento do chapéu deste último, do resquício material de uma humanidade incómoda, acompanhada da seguinte vociferação: “There’s an end to his thinking!”⁶⁴. E de nada servirá a indignação humana patenteada, anteriormente, por Vladimir,

⁶¹ MALATO, Maria Luísa – in *art. cit.*, p. 160.

⁶² LE GOFF, Jacques – *Op. cit.*, p.426.

⁶³ MEYER, Michel – *Op. cit.*, p. 125.

⁶⁴ BECKETT, Samuel – *Op. cit.*, p. 45. Bruno Clément enfatiza a circunstância de, em Beckett, “Les personnages portent divers chapeaux, calottes, bonnets de nuit, linges, mouchoirs qui leur donnent une identité, les font parler, agir. Il suffit de les leur retirer pour les déconnecter.” (CLÉMENT, Bruno – *Samuel Beckett*, Paris, apdf, 2006, p. 66). A tónica colocada por Beckett na pormenorização das didascálias, de forma a construir esse mecanismo de identidade, leva a que o acto de Pozzo surja evidenciado em qualquer encenação da peça. Mais do que perigoso, o desvio e a modificação dessas anotações tornam-se-iam um exercício ilegítimo. Na mais notável adaptação cinematográfica de *Waiting for Godot*, aquela realizada por Martin Lindsay-Hogg em 2001, a pertinência de tal acto, a mesma desejada por Beckett, é definitivamente estabelecida.

VLADIMIR [Stutteringly resolute.] To treat a man... [Gesture towards Lucky.] ...like that... I think that... no... a human being... no... it's a scandal!⁶⁵

pois Pozzo também já o tinha advertido:

*POZZO: He can no longer endure my presence. I am perhaps not particularly human, but who cares?*⁶⁶

Neste sentido, a questão que fica é a seguinte: Importar-nos-emos nós, com a tirania dos senhores da Memória?, ficaremos em silêncio, ou continuaremos a falar “porque a boca segue o som atraída pela dor, como a mão que inconscientemente levamos ao local da ferida...”⁶⁷?

Referências

- AGOSTINHO, Santo – *Confissões*, trad. Arnaldo Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro-Maia, Lisboa, IN-CM, 2000.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de – *Teoria da literatura*, 8ª ed., Coimbra, Almedina, 2002.
- ALBALADEJO, Tomas – *Retórica*, Madrid, Editorial Sintesis, 1989.
- ARISTÓTELES – *The New Complete Works of Aristotle*, ed. Jonathan Barnes, Princeton, sixth ed., Princeton University Press, 1995.
- ATKINS, Anselm – «Lucky's Speech in Beckett's *Waiting for Godot*: A Punctuated Sense-Line Arrangement», *Educational Theatre Journal*, The Johns Hopkins University Press, vol. 19, Nº 4, Dec. 1967.
- BARTHES, Roland – *Le Plaisir du Texte*, Paris, Éditions du Seuil, 1973.
- _____ «L' Ancienne Rhétorique» in *L' Aventure Sémiologique*, Paris, Éditions du Seuil, 1985.
- BECKETT, Samuel – *The Complete Dramatic Works*, London, Faber & Faber, 2006.
- BERGSON, Henri – *Matière et Mémoire*, 60ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1959.
- BOXALL, Peter – “*Waiting for Godot*”, “*Endgame*”, Duxford, Icon Books Ltd, 2000.
- BRADBY, David – *Beckett: Waiting for Godot*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
- CLÉMENT, Bruno – *Samuel Beckett*, Paris, apdf, 2006.
- COMET, Georges – *Mémoire Individuelle, Mémoire Collective et Histoire*, Paris, Solal, 2008.
- CONLEY, Thomas – *Rhetoric in the European Tradition*, New York, Longman, 1990.
- CONNOR, Steven – *Samuel Beckett Repetition, Theory and Text*, US, Davies Group Publishers, 2006.
- CORMIER, Ramona – *Waiting for death: the philosophical significance of Beckett's en attendant Godot*, Alabama, Alabama University Press, 1979.
- DIXON, Peter – *Rhetoric*, London, Methuen, 1971.
- ESSLIN, Martin – *The Theatre of the Absurd*, London, Penguin Books, 1991.

⁶⁵ BECKETT, Samuel – *Op. cit.*, p.27.

⁶⁶ p. 29.

⁶⁷ MALATO, Maria Luísa – in *art. cit.*, p. 169.

- FENTRESS, James – *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*, trad. de Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema, 1994.
- GENETTE, Gérard – *Figures III*, Paris, Éditions du Seuil, 1972.
- GONTARSKI, S. E. (ed.) – *A Companion to Samuel Beckett*, Chichester, John Wiley and Sons Ltd, 2010.
- GORDON, Lois – *Reading Godot*, New Haven, Yale University Press, 2002.
- GRAVER, Lawrence – *Beckett: Waiting for Godot*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004.
- GUSDORF, Georges – *Mémoire et Personne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1951.
- HALBWACHS, Maurice – *La Mémoire Collective*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
- HEIDEGGER, Martin – *Être et Temps*, trad. par François Vezin, Paris, Gallimard, 1986.
- HINCHMAN, Lewis – *Memory, Identity, Community: Idea of Narrative in the Human Sciences*, New York, State University of New York, 1997.
- HUTCHINGS, William – *Samuel Beckett's "Waiting for Godot" A Reference Guide*, Wesport, ABC-CLIO, 2005.
- KENNEDY, Sean et WEISS, Katherine – *Samuel Beckett: History, Memory, Archive*, Baringstoke, Palgrave Macmilan, 2009.
- KENNER, Hugh – *A Reader's Guide to Samuel Beckett*, New York, Syracuse University Press, 1996.
- LAUSBERG, Heinrich – *Elementos de Retórica Literária*, trad. de R. M. Rosado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- LE GOFF, Jacques – *História e Memória*, trad. Bernardo Leitão, Campinas, SP Editoras, 1990.
- LOTMAN, Juri – «Retórica» in Enciclopédia Einaudi, Literatura-texto, trad. Rui Santana Brito, Lisboa, IN-CM, Vol. 17.
- ____ “On the Semiotic Mechanism of culture”, in *The New Literary History*, Vol. 9, No. 2, Baltimore, John Hopkins University Press, 1978.
- MALKIN, Jeanette – *Memory - Theater and Postmodern Drama*, Michigan, The University of Michigan Press, 1999.
- MCMULLAN, Anna (ed.) – *Reflections on Beckett: A Centenary Celebration*, Michigan, The University of Michigan Press, 2009.
- MEYER, Michel – *Questions de Rhétorique : langage, raison et séduction*, Paris, Librairie Générale Française, 1993.
- MICHELSTAEDTER, Carlo – *La Persuasione e la Rettorica*, Milano, Adelphi Edizioni, 1982.
- MALATO, Maria Luísa – *A Retórica do Silêncio na Literatura Setecentista; in Revista da Faculdade de Letras, «Línguas e Literaturas», Porto, XX, I, 2003.*
- ____ et CUNHA, Paulo Ferreira da – *Manual de retórica e direito*, Lisboa, Quid Juris, 2007.
- MISZTAL, Barbara – *Theories of Social Remembering*, Milton Keynes, Open University Press, 2003.
- McCROSKEY, James C. – *An introduction to rhetorical communication: a western rhetorical perspective*, Boston, Pearson, 2005.
- NASH, Walter – *The wit of Persuasion*, Oxford, Blackwell, 1989.
- NEISSER, Ulric et FIVUSH, Robin (ed.) – *The Remembering Self – Construction and Accuracy in the Self-Narrative*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008.
- OLNEY, James – *Memory & Narrative: the weave of live-writing*, Chicago, The University of Chicago Press, 1998.
- PERELMAN, Chaïm et OLBRECHT, Lucie – *Traité de l'Argumentation*, 2^a éd., Buxelles, Éditions de l'Institut de Sociologie, 1970.

- PLATÃO – *Górgias*, trad. de Manuel de Oliveira Pulquério, Lisboa, Edições 70, 1992.
- ____ *Fedro*, trad. de Pinharanda Gomes, Lisboa, Edições Guimarães, 2000.
- RADSTONE, Susannah (ed.) – *Memory: History, Theories, Debates*, New York, Fordham University, 2010.
- REBOUL, Olivier – *La Rhétorique*, 3ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1990.
- TADIÉ, Jean-Yves – *Le sens de la mémoire*, Paris, Gallimard, 2004.
- VOLF, Miroslav – *The End of Memory: Remembering Rightly in a Violent World*, Grand Rapids, William B Eerdmans Publishing Co, 2007.
- WHITEHEAD, Anne – *Memory*, London, Routledge, 2008.
- YATES, Frances – *The art of memory*, England, Penguin Books, 1966.

Recebido para publicação em 04-01-12; aceito em 18-02-12